

# BOAS PRÁTICAS

## Fraudes escamoteadas

Pesquisadores que falsificam dados em artigos científicos costumam adotar padrões de escrita para tentar mascarar pistas de má conduta. Essa é a principal conclusão de um estudo realizado por Jeff Hancock e David Markowitz, professores do Departamento de Comunicação da Universidade Stanford, nos Estados Unidos. No trabalho publicado em novembro no *Journal of Language and Social Psychology*, eles mostram que há distinções no estilo de escrita em artigos fraudulentos e não fraudulentos. Os autores analisaram 253 *papers* publicados em vários periódicos na área de biomedicina que foram retratados entre 1973 e 2013. Com a utilização de técnicas de linguística computacional, os documentos foram comparados com artigos que não foram alvo de retratação, publicados nas mesmas revistas e no mesmo período, abrangendo assuntos parecidos. Os resultados mostram que os artigos retratados apresentam um nível elevado do que eles chamam de “ofuscamento linguístico”. “Cientistas que falsificam dados têm consciência de que estão cometendo má conduta e não querem ser pegos. Uma estratégia para contornar isso é tentar ofuscar a fraude por meio de palavras ou expressões no texto”, explicou Markowitz ao *site* da Universidade Stanford. Esse fenômeno já havia sido observado em relatórios financeiros. “Quisemos verificar se o mesmo ocorre em artigos científicos.” Observou-se, por exemplo, que os artigos fraudulentos apresentam

um número maior de jargões técnicos: em média, cerca de 60 termos especializados a mais do que em artigos não fraudulentos. Uma explicação possível é que essas palavras, incomuns na comunicação do cotidiano, ajudam a simular o lastro científico do artigo. Também ocorre uma incidência menor de termos que expressam emoções ou juízo de valor, como “sucesso” ou “melhorar”, nos *papers* retratados. De acordo com os autores da pesquisa, utilizar menos palavras que soem positivas, como afirmar que os resultados obtidos são “satisfatórios”, serve para não chamar a atenção do leitor em relação aos dados falsificados no artigo.

“Nosso trabalho é uma contribuição dentro de um esforço de pesquisa que busca compreender como a linguagem pode revelar dinâmicas sociais e



psicológicas, como a fraude”, explica Markowitz. No entanto, ele ressalta a necessidade de mais estudos sobre o assunto para que essa abordagem possa ser utilizada para detectar fraudes.

## Sob nova direção

O Escritório de Integridade de Pesquisa dos Estados Unidos (ORI, na sigla em inglês) tem uma nova diretora. Kathy Partin, neurocientista da Universidade Estadual do Colorado (CSU), foi designada para o cargo em novembro e vai comandar o órgão responsável pela investigação de fraudes em pesquisas financiadas pelo governo. Ela substituiu David Wright, que deixou o posto em março de 2014 após publicar uma carta em que criticou a “burocracia disfuncional” de órgãos federais como o Departamento de Saúde e Serviços Humanos (HHS).

“Foi o pior trabalho que já tive”, escreveu Wright. Para o especialista em ética na ciência Nicholas Steneck, da Universidade de Michigan, Kathy Partin tem formação e capacidade para dirigir o ORI. “Está na hora de rever o que foi feito nos últimos anos e verificar se nossas políticas em integridade científica precisam ser atualizadas”, disse Steneck à revista *Science*. Partin adquiriu experiência ao dirigir o escritório de integridade científica da CSU, que oferece treinamento a alunos e professores e investiga casos de má conduta.